

## AS BOLSAS E A BOLHA

Prof. Sérgio Augusto Pereira de Borja

Jean Bodin (1530-1596) é mais conhecido pela sua obra jurídica "A República", onde conceituou pela primeira vez a Soberania, do que por sua obra de economia intitulada "Resposta aos Paradoxos do Senhor de Malestroit", onde num profundo estudo sobre a moeda, detectou o fenômeno inflacionário causado na Europa, pelo afluxo de ouro e prata oriundo do Novo Mundo, desconectado de uma economia real, pois para ele, a moeda deveria ser quantitativamente proporcional a esta.

Com a estabilização da exploração do ouro e a consolidação da crença que canalizou o seu uso principalmente como lastro monetário, ratificou-se esta posição através do acordo de Bretton Woods, em 1944, quando através das alternativas propostas por Dexter White e Sir John Maynard Keynes, foi institucionalizado o padrão-ouro.

Os Estados Unidos, donos das maiores reservas de ouro, da mesma forma eram o único país em condições de efetivar a conversão monetária adotando, assim, um sistema de taxa de conversão fixa. Assim é que, nesta razão, o dólar (taxa de US\$35 a onça de ouro) passou a ser utilizado como reserva cambial pela comunidade das nações, sendo criados, junto com o FMI, os chamados "direitos de saque", que derivam de uma fórmula que refletia a dimensão econômica e importância comercial dos países-membros.

Crítérios "condicionais" foram estabelecidos para aqueles países que visavam somas substanciais, sendo assim elaborados procedimentos de fiscalização que monitorassem o seu desempenho econômico.

Ora, no entanto, com a evolução da situação foi constatado que os valores de ouro depositados em poder dos americanos e a sua produção mundial, não acompanhavam a expansão da economia mundial, sendo que um economista belga Robert Triffin, publicou um livro intitulado "O Ouro e a Crise do Dólar"(Gold and the Dollar Crisis), diagnosticando um dilema que passou a ter o seu nome: O Dilema de Triffin !

Para ele, o sistema de Bretton Woods continha uma falha inerente e potencialmente fatal, seja, sua dependência em relação ao dólar que deveria, conforme havia sido decidido em Bretton Woods, manter seu padrão ouro.

Ele argumentou que, uma vez que o volume de comércio aumentava com o tempo, qualquer sistema de taxas fixas de câmbio necessitava de um aumento do dinheiro internacionalmente aceito, com a finalidade de financiar o comércio e investimentos crescentes. A produção futura de ouro, a um preço fixo, não conseguiria suprir as necessidades existentes, de modo que a fonte de liquidez internacional necessária para lubrificar o crescimento, dentro do sistema de Bretton Woods, teria de ser o dólar. O único caminho para colocar esses dólares nas mãos do restante do mundo era o déficit na balança de pagamentos norte-americana. Assim é "que os criadores de Bretton Woods haviam feito, inadvertidamente, fora improvisar um sistema monetário mundial dependente dos déficits norte-americanos, os mesmos que todos consideravam desestabilizantes na década de 60. Se os déficits dos EUA continuassem, a confiança no dólar - e posteriormente no sistema - seria minada, e o resultado seria instabilidade. Porém se os déficits fossem eliminados, o restante do mundo ficaria privado dos dólares que necessitava para construir suas reservas e financiar o crescimento econômico. Para outros países, a questão tornou-se, depois, definitiva: deter mais dólares em suas reservas ou trocá-los por mais ouro norte-americano. Este último caminho, provavelmente mais cedo do que tarde, forçaria os Estados Unidos a pararem de vender ouro, um dos alicerces do sistema. O caminho anterior, deter uma quantidade crescente de dólares, minaria inexoravelmente a confiança, uma vez que as demandas potenciais em relação aos estoques americanos de ouro excediam em muito a quantia disponível para supri-las. Ambos os caminhos continham as sementes de sua própria desgraça na análise desta lógica implacável.

Assim é, que do sistema urdido em Bretton Woods, não restou nada na razão de sua própria condição de insustentabilidade em face de seu paradoxo central monetário.

Ora, a contar desta época até nossos dias, já se passaram várias dezenas de anos, sendo que gradativamente foi havendo uma expansão do meio circulante internacional, lastreado num dólar sem lastro ouro e sem a sua correspondência com o PIB americano. Acoplado a este fenômeno inflacionário, agregou-se um fenômeno múltiplo, também inflacionário, da supervalorização de ativos em títulos de crédito, privados e públicos dos demais países que compõem a rede internacional ou chamada economia globalizada, criando por sua vez, uma interdependência sistêmica e patológica, que manifesta-se através da instabilidade inerente deste não-sistema, que é caótico e kafkaniano.

Aliado ao processo inflacionário contido na moeda internacional, o dólar, e nas moedas nacionais dos demais países, através do aumento da dívida pública, que se estende cada vez mais para futuro, temos uma rolagem deste bolo passivo, que cada vez de forma mais acelerada faz com que o futuro quando se torna presente, pelo implemento do termo, torne-se um presente cada vez mais oneroso, pela incidência contabilizada de juros sobre juros e capital e pelos sucessivos refinanciamentos e novações de dívidas, que transformam o futuro num grande black-hole a engolir o presente. Esta é a anatomia deste processo patológico que cada vez mais se agrava, inflando o processo inflacionário e distanciando-se, por sua vez, como economia fictícia da economia real, que pela gradativa inadimplência é levada, em face do esgotamento paulatino de sua capacidade de produção, à insolvência, arrastando nações, empresas e trabalhadores.

O que é economia real ? Economia real é aquela que mantém uma equivalência com a ciência física, seja, toda a produção econômica traz como valor inerente a transformação de energia, que se manifesta através da aplicação do trabalho, dos animais, humano, ou tecnológico. Lavoisier já estabelecera um axioma científico no sentido de que "nada se cria, tudo se transforma". Contrariamente, a economia real, existe a chamada economia fictícia, que é aquela, gerada, ou pelo imposto indireto da inflação, pelos juros, pela especulação em suas várias formas, que através dos mercados à termo de commodities, de moedas, do crédito, das Bolsas, etc..., supervalorizam ativos, desconectando-se da sua realidade e causando, além da instabilidade, um processo sanguessuga e vampiresco

sobre a economia real. Cada vez mais, economistas proeminentes do mundo, constataam esta desconexão entre a economia real e a economia financeira fictícia.

Economistas de renome mundial, como François Chénais, em seu livro a Mundialização do Capital, estima que existe uma bolha inflacionária que deve orçar a quantia de uns US\$10 trilhões e, Lyndon LaRouche, que a avalia em alguma coisa como US\$40 trilhões, sendo que ambos acreditam que ela ultrapassa a soma do PIB de vários países somados. Testemunham no mesmo sentido o venerado John Kenneth Galbraith, secundado recentemente pelo próprio chairman do FED, Alan Greenspan, que abrindo a caixa preta americana falou, a coisa de um mês sobre a grande debâcle das bolsas. A crise das bolsas, desta forma, não cessará, enquanto não for desinflado totalmente do bloco da economia como um todo, a quantia total da bolha representada nestes valores. Assim, mesmo que não haja um estouro total, estaremos sujeitos ciclicamente, e em espaços de tempo cada vez mais exíguos, a pequenas reduções, que se farão gradativamente à custa das crises que irão destruindo os países como bolas da vez

O problema maior é que ela, a Bolha, (Burbuja Bursátil como é conhecida pelos países de língua espanhola), em realidade, não é uma, mas detém uma sinergia e uma capilaridade sistêmica, própria de vasos comunicantes, que se reproduz como uma metástase, de forma ubíqua e holística, estando embolsada em todos os lugares ao mesmo tempo, *on line everywhere worldwide all time*.

O conhecimento deste fenômeno não é de agora, sendo que as camadas rentistas e os mega-especuladores mundiais, sabendo destes efeitos, buscam na realidade patrimonializar seus ativos financeiros, antes que sejam volatilizados como ativos fictícios que são. São como pilotos experientes que frente a tempestade nas nuvens aterrisam no solo firme até que esta passe.

Desta forma se explica o fenômeno, sem limites, do agravamento das dívidas internas e externas dos países emergentes, catapultados por juros, que sob o pretexto de defender uma pretensa estabilidade, em realidade aumentam mais os déficits públicos e as dívidas internas destes países, acelerando por sua vez o condicionamento inexorável das pressões que os obrigam a leiloar seus ativos.

A América Latina, já vendeu ativos estimados em bilhões de dólares e até o fim do ano, somando as vendas da década, deve registrar um ingresso de US\$87 bilhões, sendo que US\$71,17 bilhões só do Brasil, contando-se entre os ativos alienados, sistemas siderúrgicos, de comunicações, de geração de energia elétrica, de produção de petróleo, etc. (ZH - 30.08.98)

Além das vendas, o custo de saneamento do sistema financeiro, por exemplo, no Brasil, teve um custo de prejuízo na ordem de R\$21,4 bilhões, conforme informações dadas pelo diretor de Fiscalização do Banco Central, Cláudio Mauch (CP.28.08.98)

Enquanto isto, o Brasil, no mês de agosto, perde o equivalente a US\$7 bilhões, em reservas internacionais, e é obrigado a manter um valor de mais ou menos US\$70 bilhões, de forma contingenciada e sem investimento em produção, para criar um "firewall", contra o vírus do chamado "ataque especulativo" cortina de fumaça com o qual o oficialismo ludibria a opinião pública a fim de não arcar com sua responsabilidade em razão de sua opção pela toalha verde do cassino internacional.

A atitude dos órgãos responsáveis do oficialismo já ultrapassa a culpa consciente para enveredar para os limites do dolo, sujeitando-se a responsabilização futura, pois o que se constata é uma drenagem da riqueza nacional, não só do Estado como agência representante da Sociedade, mas com reflexos na própria Sociedade Civil, que vê o seu capitalismo tupiniquim murchar, em benefício do capitalismo predador sem pátria. Ninguém em sã consciência, do mais humilde ao mais sofisticado investidor, aliena patrimônio para trocar por moedas podres e quem persevera neste erro, ou age por dolo ou má fé. O pretense amor ao livre mercado é indefensável frente ao crime de lesa pátria.

O desenlace de crise tão fatal, ultrapassa o limite político dos partidos, e do jogo lúdico do mero "quem ganha" projetado nas eleições, na razão, de que mantendo-se as regras para ganhar que foram maquiavelmente pré-estabelecidas, perdemos nós Sociedade Civil e Estado Brasileiro, como um todo, em benefício de administradores que não têm compromisso com o administrado e o fundamento do Bem Comum e do Bem Público, mas simplesmente com o compromisso de manterem em suas mãos, de forma lúdica, a administração e o poder de rifar o que sobrar para ser leiloado.

Aos críticos se imputa a pecha de não fornecerem soluções. Os representantes do establishment, do alto de sua onipotência, não conseguem encher gar que somente um Novo Bretton Woods, através da pressão dos emergentes e da construção de uma liga de países não alinhados, ao modo de Gandhi e Gamal Abder Nasser, com a união de suas frentes internas nacionais, poderia retirar o mundo da beira do caos.

Como se brada no deserto para ouvidos moucos em breve, depois da debâcle total, nossa Agência Constitucional de Poder transformar-se-á no "Estado Dívida" e por consequência no "Estado Impostos" não nos restando outra alternativa do que, unidos a nossos algozes e as Grifês dos Direitos Humanos e das ONGs (Organizações Não Governamentais), comandados pelo poder internacional das TNCs (Corporações Transnacionais), sob o Império da Mídia, vestal incontestado da liberdade e da transparência democrática, reinaugurarmos a Nova Idade Mídia e o governo da Midiocracia, pois além dos meios tradicionais externos que serviam para nossa "condicionada informação crítica", rádio, televisão e jornal, já agora o Quarto Poder, associado ao Capital Predador, também detém o controle dos meios de comunicação internos, telefonia e rede de Internet, estando não só ante nós mas também entre nós, consubstanciando em realidade as ficções desenhadas por George Orwell e Aldous Huxley, respectivamente, em 1984 e o Admirável Mundo Novo.

- SÉRGIO BORJA
- PROFESSOR UNIVERSITÁRIO
- TEL/FAX: (051) 2 23 26 10
- CELULAR: (051) 980 37 06
- e - mail: borja@pro.via-rs.com.br